

BÁRBARA SILVESTRE DE ASEVEDO

**A IDENTIDADE DO PROFESSOR SOB AMEAÇA DAS
CONDIÇÕES DE TRABALHO:
A SÍNDROME DE *BURNOUT***

SÃO PAULO

2013

BÁRBARA SILVESTRE DE ASEVEDO

**A IDENTIDADE DO PROFESSOR SOB AMEAÇA DAS
CONDIÇÕES DE TRABALHO:
A SÍNDROME DE *BURNOUT***

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado à Faculdade de Educação, curso de
Pedagogia, como exigência parcial para
obtenção do diploma de Pedagoga, da Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo – PUCSP.

Orientadora: Professora Doutora Sandra
Machado Lunardi Marques

SÃO PAULO

2013

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a meus pais que estiveram comigo nessa jornada, me incentivando e corrigindo, ouvindo e orientando, para que assim eu pudesse realizar essa produção com o meu melhor!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus que me sustentou até aqui, e me deu a capacidade necessária para compreender e aprender sempre mais. A Ele toda a honra e glória!

A meus pais, que foram companheiros e incentivadores, sempre me questionando e apoiando durante toda a jornada.

A minha avó Quica, que com seu jeitinho incrível me impulsionou a fazer mais, a crescer e me divertir com a vida. Me fez perceber que nem tudo é simples, mas tudo é melhor com um sorriso no rosto e uma “gargalhada dentro da barriga”.

Aos meus colegas de classe que, com alegria, passaram por esse trajeto comigo.

Aos meus amigos que acreditam na educação e também lutam por este objetivo. Aos amigos que me apoiaram, me deram forças e acreditaram que eu poderia produzir este trabalho.

A minha orientadora de Iniciação Científica, Dra. Vera Maria Nigro de Souza Placco, que me abriu os olhos para o mundo da pesquisa, do querer saber mais e não se contentar com o conhecimento já produzido, mas procurar entender o mundo com a ótica mais incrível: a de pesquisador!

Em especial meu amigo e segundo orientador, Rafael Conde, que não se esgotou em esforços para que eu pudesse compreender melhor o professor e sua identidade, ampliando minha visão e meu conhecimento.

Agradeço também a minha orientadora, Professora Sandra Machado, que esteve comigo durante este ano de novas descobertas e desafios.

EPÍGRAFE

[...] O segundo processo que concerne à interiorização ativa, à incorporação da identidade pelos próprios indivíduos e que só pode ser analisada no interior das trajetórias sociais pelas quais os indivíduos constroem “identidades para si” que nada mais são do que a “história que eles se contam sobre o que são” [...]

(DUBAR, 2005, P. 139)

RESUMO

ASEVEDO, Bárbara Silvestre de. A identidade do professor sob ameaça das condições de trabalho: A síndrome de burnout. 2013. TCC (Graduação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013. Orientadora: Professora Doutora Sandra Machado Lunardi Masques.

Esta pesquisa bibliográfica, sobre a Síndrome de *Burnout* que é relacionada à saúde emocional do professor, tem por objetivo conhecer as produções feitas sobre esse assunto. Dentre os trabalhos encontrados, mostraram-se como mais relevantes as pesquisas de FERENHOF e FERENHOF (2002), que pesquisaram a síndrome em professores de escolas públicas de Duque de Caxias, no Rio de Janeiro; CARLOTTO e SILVA (2003) que analisaram se o gênero diferencia nos níveis e no processo da síndrome, também buscando identificar se havia associação das dimensões de *burnout* com variáveis demográficas, laborais e comportamentais; ANGST, DIANA, AMORIM, PORTO-MARTINS, LARA (2010) que fizeram a pesquisa com estudantes voluntários de um projeto chamado Projeto Comunidade Escola, de Curitiba, buscando saber se a síndrome também se apresentava nesses voluntários. Considerando as pesquisas selecionadas e os resultados apresentados por estes autores é necessário considerar que o estudante trabalha e está tão sujeito ao estresse quanto um professor. Compete aos órgãos que cuidam da educação, como por exemplo a Secretaria de Educação, compreender a complexidade do trabalho docente para que a prevenção e o tratamento sejam feitos.

Palavras-chave: Identidade do professor, Condições de trabalho, Síndrome de *Burnout*.

ABSTRACT

Asevedo, Bárbara Silvestre de. *The identity of the teacher under threat of working conditions: The burnout syndrome*. 2013. TCC (Graduação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013. Guiding: Teacher Doctor Sandra Machado Lunardi Masques.

This bibliographic research on *Burnout Syndrome*, aims to know the productions made about this subject. Among the works found, appeared as the most relevant researches the FERENHOF & FERENHOF's (2002), who investigated the syndrome on public school teachers in Duque de Caxias, in Rio de Janeiro; CARLOTTO and SILVA's (2003) who analyzed if the gender differs in levels and in the process of the syndrome, also seeking to identify whether there was an association of *burnout* dimensions with demographic, labor and behavioral variables; ANGST , DIANA , Amorim , PORT - MARTINS , LARA's (2010) who did research with students who volunteer in a project called Projeto Comunidade Escola, Curitiba, investigating whether the syndrome also had these volunteers. Considering current research and results presented by these authors is necessary to consider that the student works and is as subject to stress as a teacher. It is responsibility of the agencies that take care of education, such as the Department of Education, understand the complexity of teaching so that prevention and treatment are made.

Keywords: Teacher identity, working conditions, Burnout Syndrome

SUMÁRIO

JUSTIFICATIVA	09
INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I	
A Síndrome de <i>Burnout</i>	14
I. 1: Fatores que desencadeiam a Síndrome de <i>Burnout</i>	18
CAPÍTULO II	
As principais pesquisas nacionais feitas sobre a Síndrome de <i>Burnout</i>	24
1: Estudos realizados com estudantes voluntários, participantes do Projeto Comunidade Escola da Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal de Curitiba	25
2: Professores do Município de Duque de Caxias	27
3: Professores da rede pública de Canoas	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
ANEXOS	35
BIBLIOGRAFIA	38

Justificativa

O interesse pelo tema “A identidade do professor sob ameaça das condições de trabalho: A Síndrome de *Burnout*” deriva dos estudos empreendidos durante minha iniciação científica (agosto de 2012 a julho de 2013) cujo título é “Movimentos Identitários dos Professores” orientada pela Professora Doutora Vera Maria Nigro de Souza Placco.

Esta tarefa implicou minha participação nas reuniões de orientação com mestrandos e doutorandos do “Grupo Identidade”; de palestras sobre o tema; e das aulas da disciplina Movimentos Identitários do Adulto Professor IV, oferecida pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação.

Ao estudar a bibliografia indicada, participar dos debates sobre o tema, analisar as entrevistas e categorias escolhidas pelo grupo, organizar os dados coletados pelos estudantes para a categoria nomeada “Contextos”; meu interesse pelo tema foi se definindo.

Do ponto de vista da fundamentação teórica, a discussão de trabalhos do autor Norbert Elias foi importante para compreender o modo como o indivíduo está inserido no social e, portanto, não pode ser compreendido isoladamente e como o social interfere no comportamento do indivíduo e molda seu comportamento. (ELIAS, 1994).

DUBAR (2005) foi um autor utilizado pelo grupo de pesquisa durante todo o processo de estudo dos movimentos identitários do professor. Neste processo a professora Doutora Marili Vieira contribuiu para o aprofundamento da discussão sobre a identidade, atribuição e pertença, transação objetiva e subjetiva, identidade social e individual. Como a identidade é um processo individual (de singularidade e diferença) e social (de valores comuns ao grupo – pertença), cada indivíduo traz uma história em determinado contexto social, o que explica a manutenção ou rompimento de formas identitárias.

Aprofundando o tema, Placco durante as aulas ressaltou o caráter dinâmico da identidade, vulnerável por isso mesmo às dificuldades no exercício do magistério,

superáveis ou não; tal como a Síndrome de *Burnout*, geradora de desestruturações identitárias.

A partir daí, nos estudos feitos com o grupo de pesquisa há uma entrada na “teoria das representações sociais”, em que entendemos alguns conceitos como o “estranhamento”, que é um dos primeiros passos para (re) criar ou (re) elaborar uma representação social.

Segundo Jean Claude Abric (1994), as representações sociais estão introjetadas no indivíduo e no grupo, constituindo seu núcleo, que são suas crenças já cristalizadas. Mas para que o indivíduo possa se relacionar com o grupo em que se insere, ele negocia com aquilo que está na “periferia”, ou seja, aspectos em que o sujeito é mais maleável, mais aberto a negociação.

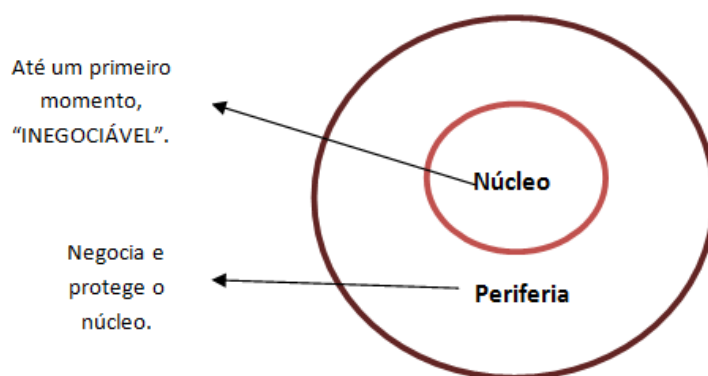


Figura 1: Abordagem Estrutural

As representações sociais são compartilhadas e servem como guia de ação e comportamento, dando estabilidade ao sujeito. Para a abordagem processual Denise Jodelet (2002) o desafio é esclarecer a relação entre simbolização e interpretação nas representações sociais. Já para a abordagem societal Willem Doise (1984) a tarefa é analisar as condições em que são produzidas as representações.

Cabe à pesquisa feita explicitar quais dentre as representações compartilhadas por um determinado grupo, profissional, por exemplo, constituem representações sociais.

Estas discussões feitas nas aulas e nos grupos de estudos foram enriquecedoras, com as travadas pelo grupo de pesquisa – Movimentos Identitários de Professores – elas permitiram refletir o trabalho do professor de outros trabalhos.

O professor trabalha com o conhecimento historicamente acumulado, e seu compromisso é mobilizar os alunos para que por meio de um trabalho intelectual, se apropriem do conhecimento produzido por outros homens.

Como as tensões são inerentes à docência, faz-se necessário que o professor tenha consciência das contradições sociais e pedagógicas enfrentadas para direcionar sua ação até o limite do possível, sem se sentir culpado.

Para tanto se faz necessário conhecer as singularidades da formação do ser professor, sua relação com o ensino e a aprendizagem, seu conhecimento do contexto e sua percepção como um profissional da educação (PLACCO, SOUZA, 2011).

A partir destes estudos, discussões, encontros e palestras, me surgiram alguns incômodos e assim encontrei meu tema para o TCC – A identidade do professor sob ameaça das condições de trabalho.

Com tantos desafios, cobranças e falta de reconhecimento, o professor acaba por não se sentir como peça importante na escola e também no processo de construção de conhecimento de seus educandos.

Com o tempo, dependendo do momento vivido e da trajetória que o professor vive, começam a surgir alguns sintomas e complexos, que constituem algumas marcas no professor. Uma dessas marcas é conhecida como uma síndrome chamada Síndrome de *Burnout*; tema que será aprofundado para compreender sua força, suas causas e consequências que gera na vida e na trajetória do professor.

INTRODUÇÃO

Transitando em diferentes ambientes educacionais, como aluna e professora, convivo com professores que exercem a docência de modo singular. Há aqueles com um olhar atento, para aprender e utilizar novas metodologias, jogo de cintura nas situações cotidianas e há outros que agem como se tivessem que cumprir um horário para ir logo embora, não se atentam para o cotidiano escolar e nem para seus alunos, parecendo que não têm nenhuma ligação com eles, nenhum laço afetivo, mínimo que fosse.

Percebi que uma parte dos professores com quem trabalhei, observei e conversei se tomavam de uma tristeza muito grande, de um sentimento negativo quando falavam de seus trabalhos nas escolas ou instituições educativas, e tal atitude me chamou a atenção, porque não eram reclamações passageiras, comuns; as reclamações eram diárias e difusas. Não havia alegria e não se via nenhum sentimento de realização profissional neles.

A monografia *A identidade do professor sob ameaça das diferentes condições de trabalho: a Síndrome de Burnout* surgiu com o objetivo de caracterizar e fazer compreender um dos processos passados pelos professores durante sua trajetória profissional que afetam sua saúde causando-lhes problemas emocionais que repercutem em outros aspectos de suas vidas.

A Síndrome de *Burnout* é o objeto desta investigação, uma vez que vem afetando os professores, não só do Brasil, mas do mundo. Ela será caracterizada passando-se ao exame de suas causas e sintomas. (POCINHO E PERESTRELO, 2011, P. 517).

O capítulo I – *A Síndrome de Burnout* trata da explicação do que vem a ser uma “síndrome” e da origem da Síndrome de *Burnout*, com sua caracterização.

O capítulo II – *As principais pesquisas nacionais feitas sobre a Síndrome de Burnout* apresenta o quão recente, entre nós, são os estudos sobre a síndrome. Por esta razão foram escolhidas algumas pesquisas feitas consideradas relevantes que são relacionadas à área da educação.

Em considerações finais se faz uma retomada no conceito de *Burnout* e da importância que deve ser dada no olhar para o professor quando se identificam os

sintomas da síndrome, apresentando os resultados das pesquisas sintetizadas.

Capítulo I - A síndrome de *Burnout*

De acordo com o Dicionário Michaelis, síndrome é: **1.** Conjunto de sintomas que se apresentam numa doença e que a caracterizam. **2.** Grupo de coisas concorrentes. **3.** Concorrência de condições e resultados; conjuntura: síndrome social, econômica, política.

Ainda no mesmo dicionário, o significado de doença corresponde a: **1.** Falta de saúde, achaque, enfermidade, indisposição, moléstia. **2.** Processo mórbido definido, com sintomas característicos, que pode afetar o corpo todo ou uma ou várias de suas partes. **3.** Mal. **4.** Defeito, vício.

O burnout (consumir-se em chamas) é um tipo especial de stress ocupacional que se caracteriza por profundo sentimento de frustração e exaustão em relação ao trabalho desempenhado, sentimento que aos poucos pode se estender a todas as áreas da vida de uma pessoa. [...] o trabalho do professor é visto como oferecendo condições propícias ao desenvolvimento do *burnout*. (REINHOLD, 2007, p. 64)

Burnout é, literalmente, uma expressão inglesa que designa o que deixou de funcionar por exaustão de energia. Esta expressão foi utilizada primeiramente por Bradley no ano de 1969, quando se referiu ao desgaste dos trabalhadores assistenciais usando o termo *staff burn-out*. (SHAUFELI & ENZMANN, 1998).

O desenvolvimento do conceito de Síndrome de *Burnout* apresenta duas fases em sua evolução histórica: uma fase pioneira, onde o foco esteve na descrição clínica da Síndrome de *Burnout*, e uma fase empírica em que se sistematizaram as distintas investigações para assentar a descrição conceitual do fenômeno.

Na década de 70 é que realmente se iniciaram os primeiros estudos sobre a Síndrome de *Burnout* com Freudenberg (1974), um psiquiatra americano, que observou nos voluntários com os quais trabalhava um processo gradual de desgaste no humor e/ou desmotivação.

Tais voluntários trabalhavam com ele em um serviço alternativo de atendimento a dependentes químicos. Esses voluntários passaram, após algum tempo, a apresentar uma diminuição gradual de energia, perda de comprometimento e motivação, além de

outros fatores relacionados ao caráter psíquico, comportamental e físico. (POCINHO & PERESTRELO, 2011, p. 515).

Definindo esse conjunto de sintomas, Freudenberg se apropriou da expressão *burnout* que já era utilizada pelos profissionais da saúde para designar os efeitos do uso abusivo e crônico de drogas. (LEITE, 2007, p. 17).

Maslach (1981), uma psicóloga social americana, empregou o termo para referir-se a situação que afeta, com maior frequência, pessoas que, em decorrência de sua profissão, mantêm um contato direto e contínuo com outros seres humanos em situações geradoras de impotência.

Aprofundado essas pesquisas e investigações, esta pesquisadora constatou que o fenômeno apresentava algumas regularidades que podiam ser identificadas como exaustão emocional, sendo este um sintoma frequente relacionado a essa sobrecarga. (MASLACH, SCHAUFELI & LEITER, 2001)

Para Maslach e Leiter (1997, p. 186), a síndrome envolve três principais componentes:

Exaustão emocional (EE) – situação em que os professores sentem que, afetivamente, já não podem dar de si mesmos; percebem que a energia e os recursos emocionais próprios se esgotam, devido ao contato diário com os problemas no ambiente escolar. Quando estes sentimentos de impotência se tornam crônicos, educadores julgam-se incapazes de uma doação integral aos discentes;

Outro componente é a despersonalização, que é vista por Pocinho e Perestrelo (2011, p. 515) como:

A relação do trabalhador com a profissão vai se degradando, o entusiasmo inicial dá lugar a uma enorme vontade de evitar o local de trabalho e de manter relações com os intervenientes e, o sentimento de capacidade para o exercício profissional passa a ser subjugado.

Despersonalização (DP) – referida ao segundo nível da Síndrome de *Burnout* em professores, ocorre quando estes não mais apresentam sentimentos positivos a respeito de seus alunos e desenvolvem cinismo, sentimentos e atitudes negativas.

Entre as várias maneiras de os professores mostrarem indiferença e agirem negativamente em relação a seus alunos estão os rótulos negativos. Dessa forma, friamente, distanciam-se do corpo discente, como se ficassem ‘entrincheirados’ atrás de

suas mesas, desarmonizando os estudantes com recessões psicológicas – endurecimento afetivo, ‘coisificação’ da relação;

Um distanciamento emocional do prestador de serviço ou cuidado em relação ao recebedor do mesmo, como uma forma de tentar enfrentar o estresse emocional vivido e diminuir o sofrimento decorrente de emoções como compaixão e empatia pelo recebedor. (MASLACH & JACKSON, 1981, p. 99)

Baixa realização pessoal (PA) – um sentimento de baixa realização pessoal do trabalho, que é particularmente crucial para professores. A maioria dos educadores ingressa na profissão para ajudar os alunos na apropriação do conhecimento, levando-os ao crescimento intelectual e ao resgate da autoestima.

Por esse motivo, quando percebem que não mais contribuem para o desenvolvimento dos estudantes, os professores ficam vulneráveis a sentimentos de profundo desapontamento e enfrentam a depressão psicológica.

Uma atitude pessimista com o próprio desempenho profissional, que se caracteriza por uma tendência do trabalhador a se avaliar de forma negativa, se tornando uma pessoa infeliz e insatisfeita com seu desenvolvimento profissional. Como consequência, ocorre um declínio no seu sentimento de competência e êxito, bem como de sua capacidade de interagir com os outros. (MASLACH & JACKSON, 1981, p. 99).

Após os resultados das suas investigações, Maslach e Jackson, no início dos anos 80, conceberam o *Burnout* como uma resposta ao estresse ocupacional crônico, que compreende a experiência de se encontrar emocionalmente esgotado, o desenvolvimento de atitudes e sentimentos negativos para com as pessoas com as quais se trabalha, bem como com o próprio desempenho profissional (POCINHO & PERESTRELO, 2011, p. 515).

Para Leite

O que me parece claro é que *burnout* é um fenômeno multi-causado, sensível a uma notável gama de estressores do ambiente de trabalho, sendo necessária uma visão abrangente e conciliadora de diversas abordagens, se quisermos efetivamente avançar no sentido da sua compreensão e prevenção. (LEITE, 2007, p. 20).

Passados estes estudos, feitos na primeira fase, que foi a fase denominada pioneira, a Síndrome de *Burnout* continua sendo fonte de interesse para muitos pesquisadores e suscitando pesquisas em diversos países, sendo esta segunda fase

chamada de fase empírica, na qual são realizadas pesquisas mais sistemáticas. (GUIMARÃES & CARDOSO, 2004, p. 2).

Para Codo e Vasques-Menezes (1999, p. 432), *Burnout* consiste na “síndrome da desistência”, pois o indivíduo, nessa situação, deixa de investir em seu trabalho e nas relações afetivas que dele decorrem e, aparentemente torna-se incapaz de se envolver emocionalmente com o mesmo, assim entra em *burnout* ao se sentir incapaz de investir afetivamente em seu trabalho.

O fato do stress e cansaço nos profissionais da rede pública vem de uma caminhada constante, onde o principal foco é sempre alcançar metas e objetivos. Se pararmos para observar percebe-se que o stress está atingindo vários profissionais. Já o *Burnout* é considerado um processo em resposta ao estresse crônico, constituindo uma fase avançada do estresse laboral, e podendo chegar a uma incapacitação para o trabalho (INOCENTE, 2005, CAMPOS *et al*, 2002).

Portanto, num primeiro momento, a Síndrome de *Burnout* se confunde com o estresse. De acordo com Selye (1974, p. 54), estresse é: o estado manifestado por uma síndrome específica que consiste em todas as mudanças não específicas induzidas dentro de um sistema biológico.

Esta síndrome se manifesta como um esgotamento profissional (sensação de estar acabado) que ocorre como uma resposta prolongada a estressores interpessoais e emocionais relacionados ao trabalho (GUIMARÃES; CARDOSO, 2004, p. 2).

Muitas vezes também o *burnout* é confundido com a depressão devido à semelhança dos sintomas. O que distingue estes dois estados emocionais, embora a depressão possa alterar-se e conduzir ao *burnout*, é que, ao contrário da pessoa profissionalmente esgotada, o indivíduo depressivo vê todas as esferas da sua vida atingidas por esse estado de prostração (DELBROUCK, 2006).

O indivíduo com burnout pode até mesmo vivenciar, ao nível pessoal e social, experiências enriquecedoras e gratificantes, mas não o consegue fazer ao nível profissional. Embora o burnout possa de alguma forma influenciar a vida pessoal e social, há uma clara distinção entre a causa e a consequência. De uma forma geral, uma pessoa depressiva tende a se sentir culpada pelo que lhe acontece; já o indivíduo com burnout sente fúria por não conseguir lidar com a sua frustração profissional(POCINHO E PERESTRELO, 2011, p.516).

A Síndrome de *Burnout* é entendida por Codo (1999, p. 237) como um conceito multidimensional:

Síndrome da Desistência do Educador. Um homem, uma mulher, cansados, abatidos, sem mais vontade de ensinar, um professor que desistiu. (...) Será que este profissional não percebe a importância do seu trabalho na formação de nossos filhos? Não. muitas vezes não percebe mesmo. Será que não é capaz de envolver-se, emocionar-se por seu trabalho? Não, muitas vezes não é capaz mesmo.

I. 1 FATORES FAVORÁVEIS À SÍNDROME DE *BURNOUT*

Manter a disciplina em salas lotadas, a falta de apoio administrativo, isto é, o mal-estar provocado pela falta de ambiente amigável entre os funcionários e pela falta de apoio social dos colegas e da administração, a rigidez organizacional, a falta de participação dos professores nas decisões da vida escolar e, em última instância, a falta de oportunidade de subir na carreira também são vistas, pelos professores, como uma razão para o *burnout*.

Por outro lado, constantemente, novas leis e estatutos são criados, o que implica novos procedimentos na prática de tarefas e funções, conduzindo colegas de trabalho a relações tensas e conflituosas, por falta de apoio tanto das supervisões quanto das próprias organizações (GIL-MONTE, 2002; JESUS, 2002; LEITER, MASLACH, SCHAUFELI, 2001).

Do ponto de vista legal a Síndrome de Burnout toma corpo no Brasil, com a republicação no Diário Oficial da União (D.O.U.), em 18 de junho de 1999, do Regulamento da Previdência Social, alterado nos seus anexos. O anexo II, que trata dos agentes patogênicos causadores de doenças profissionais ou do trabalho, previsto no Art. 20 da Lei 8213/91, teve apensado o item XII ao texto de Lei, na parte específica que trata dos “transtornos mentais e do comportamento relacionados com o trabalho” (FERENHOF & FERENHOF, 2002, p. 138).

Artigo 20 da Lei nº 8.213 de 24 de Julho de 1991

Art. 20. Consideram-se acidente do trabalho, nos termos do artigo anterior, as seguintes entidades mórbidas:

I - doença profissional, assim entendida a produzida ou desencadeada pelo exercício do trabalho peculiar a determinada atividade e constante da respectiva relação elaborada pelo Ministério do Trabalho e da Previdência Social;

II - doença do trabalho, assim entendida a adquirida ou desencadeada em função de condições especiais em que o trabalho é realizado e com ele se relacione diretamente, constante da relação mencionada no inciso I.

§ 1º Não são consideradas como doença do trabalho:

- a) a doença degenerativa;
- b) a inerente a grupo etário;
- c) a que não produza incapacidade laborativa;
- d) a doença endêmica adquirida por segurado habitante de região em que ela se desenvolva, salvo comprovação de que é resultante de exposição ou contato direto determinado pela natureza do trabalho.

§ 2º Em caso excepcional, constatando-se que a doença não incluída na relação prevista nos incisos I e II deste artigo resultou das condições especiais em que o trabalho é executado e com ele se relaciona diretamente, a Previdência Social deve considerá-la acidente do trabalho.

REINHOLD (2007, p. 69 e 70) apresenta sintomas da síndrome que podem ser psicossociais/comportamentais, como a frustração, raiva, insatisfação crônica, ansiedade, fadiga, culpa, impaciência, exaustão emocional, perda de iniciativa, isolamento, pessimismo, sensação de vazio, questionamento do seu próprio valor, sensação de sobrecarga.

Também, os sintomas podem ser psicossomáticos/físicos, sendo alguns deles a sensação generalizada de cansaço, de esgotamento, insônia, dores musculares, enxaqueca, perda ou ganho de peso, zumbidos nos ouvidos, afonia, perda de impulso sexual, distúrbios vasculares e gastrointestinais.

É importante salientar que as pessoas que apresentam *burnout* não necessariamente apresentam todos os sintomas descritos acima, mas o conhecimento destes sintomas facilita o diagnóstico da síndrome.

O CID – Código Internacional de Doenças, utilizado pelos pesquisadores, foi o exemplar da décima edição (CID 10). Trata-se de um manual muito utilizado pelos profissionais de saúde para manipulação de dados médicos, tais como prontuários, diagnósticos, procedimentos. Estes dados são sempre tratados em código, pois é vedado, pelo Código de Ética Médica, a divulgação do diagnóstico da doença do paciente sem seu expresso consentimento. O item XII, refere-se à Síndrome de Burnout (embora com um viés na grafia do texto legal), e a correspondente nomenclatura em português, Síndrome do Esgotamento Profissional, adotado pelo INSS (FERENHOF & FERENHOF, 2002, p. 138).

Quadro 1 – CID 10

DOENÇAS	AGENTES ETIOLÓGICOS OU FATORES DE RISCO DE NATUREZA OCUPACIONAL
XII – Sensação de Estar Acabado (Síndrome de Burn-Out, ou Síndrome do Esgotamento Profissional (Z 73.0)	. Ritmo de trabalho penoso (Z 56.3) . Outras dificuldades físicas e mentais relacionadas ao trabalho (Z 56.6)

(FERENHOF & FERENHOF, 2002, p. 139).

Segundo Carlotto e Palazzo (2006, p. 1017), dentro da escola o professor é visto como exemplo, mas fora da escola, continua a ser cobrado como se estivesse em seu horário de trabalho.

O professor não é visto como uma pessoa realizando seu trabalho, mas sim como o trabalhador, em qualquer dia e horário. Se estiver em um *shopping* ou passeando no parque e se depara com algum aluno e sua família, suas ações serão vigiadas e seu exemplo cobrado por parte dos seus alunos.

Como todos os que são professores já foram alunos, sabem que essa profissão expõe e não há forma de mudar isso. Ser professor é estar constantemente se reavaliando e percebendo quais aspectos podem ser trabalhados para que seu exemplo seja bom e que seu agir influencie positivamente seus educandos.

Olhando agora para dentro da escola, as atribuições impostas ao professor são várias, como citam Carlotto e Palazzo (2006, p. 1017):

Além das classes, deve fazer trabalhos administrativos, planejar, reciclar-se, investigar, orientar alunos e atender aos pais. Também deve organizar atividades extra-escolares, participar de reuniões de coordenação, seminários, conselhos de classe, efetuar processos de recuperação, preenchimento de relatórios periódicos e individuais e, muitas vezes, cuidar do patrimônio material, recreios e locais de refeições.

Mas, no que se refere às decisões institucionais, é excluído. Não participa das reestruturações curriculares, dos planejamentos de projetos da escola, sendo visto e dado como mero executor de propostas e ideias já elaboradas por outros (CARLOTTO & PALAZZO, 2006, p. 1017).

Conforme indica Esteve (1999, p. 21):

Uma parte deste discurso reflete um problema atemporal. O professor tem sido sempre uma figura questionada pela mesma contradição intrínseca ao papel que representa. A velha acusação de Sócrates, por corromper a juventude, ilustra as tensões existentes, há vinte e quatro séculos, entre o que o professor faz e o que a sociedade desejaria que fizesse.

Segundo Pocinho e Perestrelo (2011), alguns investigadores pelo mundo, começaram a se preocupar com a Síndrome de *Burnout*, pois esse fenômeno foi identificado essencialmente nas profissões que envolviam uma relação assistencial ou de ajuda, como o caso dos médicos, enfermeiros e psicólogos.

Mas não tardou que se percebesse que este fenômeno pudesse também estar presente na profissão docente de uma forma muito significativa. (...) A docência é, na atualidade, uma das profissões mais sujeitas a altos níveis de stresse, podendo levar ao *burnout*, caso se torne recorrente.” (POCINHO & PERESTRELO, 2011, p. 513)

Os primeiros estudos relacionados ao *burnout* se relacionavam essencialmente com os profissionais de saúde, no entanto, sua ocorrência entre os profissionais de ensino já é superior à dos primeiros, o que coloca o ensino como uma das profissões de alto risco (OIT, 1993; PICADO, 2007)

Segundo a pesquisa de Chang (2009) entre os profissionais de ensino, o *burnout* é visível de forma consistente em diversos países e culturas. Na Suécia, 25% dos educadores estão sujeitos à tensão num nível que pode ser considerado de alto risco; nos EUA, cerca de 25% dos professores em início de carreira deixam o ensino no terceiro ano de trabalho, e quase 40% deixam a profissão dentro dos primeiros cinco anos.

Estes dados são preocupantes, visto que se trata de uma profissão que lida com vidas humanas, que transmite valores e atitudes, desenvolve o indivíduo e transforma consciências.

O sentimento de mal-estar docente surge associado ao “choque com a realidade”, uma vez que os professores não são suficientemente preparados para fazer face à realidade, sendo esta demasiadamente idealizada na fase inicial de formação (JESUS, 2002).

Desta situação, foi verificado que a carga excessiva de trabalho, as más condições laborais com as salas de aula superlotadas, locais de trabalho pobres e falta de recursos físicos e humanos são fatores que sinalizam o estresse e *burnout* (CARSON, 2006 apud CHANG, 2009; JESUS, 2002; PICADO, 2007).

Embora nem todos nós sejamos professores, todos nós passamos pela vivência escolar e sabemos, de uma forma ou de outra, o que é ser professor, o que faz e como faz, logo é muito mais fácil opinar e criticar a atuação de um professor do que, por exemplo, a de um engenheiro ou outro profissional mais específico, acerca do qual não temos qualquer tipo de conhecimento vivenciado. Quando algo corre mal na escola, é notícia de abertura do telejornal, no entanto, muitos são os sucessos que ficam apenas entre as paredes da escola.” (POCINHO & PERESTRELO, 2011, p. 519).

Em pesquisa feita por Trigo, Teng e Hallak (2007), são apresentadas duas tabelas que esclarecem sobre os fatores organizacionais e individuais associados a índices superiores de *burnout*.

Dos fatores organizacionais, os autores expõem os seguintes:

Burocracia: Impede a autonomia, a participação criativa e, portanto, tomada de decisões. As atividades são realizadas lentamente, demandando muito tempo e muita energia por parte da equipe e/ou indivíduo na sua manutenção. Por exemplo, o tempo gasto no preenchimento de formulários, relatórios, participação em reuniões administrativas. Falta de autonomia (impossibilidade de tomar decisões sem ter de consultar ou obter autorização de outrem): Impossibilita a liberdade de ação e independência profissionais.

Mudanças organizacionais frequentes (alterações frequentes de regras e normas): Provocam insegurança, predispondo o funcionário a erros.

Falta de confiança, respeito e consideração entre os membros de uma equipe: Provoca um clima social prejudicial.

Comunicação ineficiente: Provoca distorções e lentificação na disseminação da informação.

Impossibilidade de ascender na carreira, de melhorar sua remuneração, de reconhecimento de seu trabalho, entre outras: Pode provocar grande desestímulo no trabalhador.

O ambiente físico e seus riscos, incluindo calor, frio e ruídos excessivos ou iluminação insuficiente, pouca higiene, alto risco tóxico e até de vida: Geram sentimentos de ansiedade, medo e impotência.

Outros fatores: acúmulo de tarefas por um mesmo indivíduo; convívio com colegas afetados pela síndrome.

Os fatores individuais, as características de personalidade, são expostos pelos autores:

Tipo de personalidade com características resistentes ao estresse ou *hardness*. Envolvem-se em tudo o que fazem; acreditam possuir domínio da situação; encaram as situações adversas com otimismo e como oportunidade de aprendizagem.

Locus de controle interno: Responsabilizam-se pelos sucessos de sua própria vida, sendo estes encarados como consequentes às suas habilidades e seus esforços. Autoestima, autoconfiança, autoeficácia.

Capítulo II. As principais pesquisas nacionais feitas sobre a Síndrome de *Burnout*.

*“Do educador se exige muito, o educador se exige muito;
pouco a pouco desiste, entra em burnout.”*

(CODO, 2006, p. 240).

Ao se analisar quais são os fatores que podem estar associados à Síndrome de *Burnout* deve-se levar em conta que ela se caracteriza muito mais como fenômeno social do que individual (MASLACH, SCHAUFELI e LEITER, 2001).

Os estudos feitos sobre a Síndrome de *Burnout* geraram um grande interesse para os pesquisadores, que começaram a explorar a síndrome em diversos países.

O instrumento mais indicado para a medição do *Burnout* em um indivíduo é o MBI (Maslach *Burnout Inventory*), um questionário de auto-informe composto por 22 itens para ser respondido através de uma escala do tipo Likert que varia de 0 (nunca) a 6 (todos os dias). Uma pessoa é diagnosticada com a síndrome se possuir altos *escores* em exaustão emocional e despersonalização, e baixo *score* em realização pessoal (GILMONTE, 2005).

No Brasil, a literatura encontrada nos bancos de dados utilizados não é vasta em relação ao *burnout* e sua prevalência, mas já foram feitas algumas pesquisas.

Investigações (Codo, 1999) sobre a saúde mental dos professores de primeiro e segundo graus em todo o país, abrangendo 1.440 escolas e 30 mil professores, revelaram que 26% da amostra estudada apresentava exaustão emocional. Essa proporção variou de 17% em Minas Gerais e no Ceará a 39% no Rio Grande do Sul.

Dentre as pesquisas encontradas nos bancos de dados, temos três que têm grande importância para a área da educação.

Serão sintetizadas respectivamente: 1. Estudos realizados com estudantes voluntários, participantes do Projeto Comunidade Escola da Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal de Curitiba; 2. Professores, do Município de Duque de Caxias, Estado do Rio de Janeiro e, 3. Professores da rede pública de Canoas – Rio Grande do Sul.

1. Estudos realizados com estudantes voluntários, participantes do Projeto Comunidade Escola da Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal de Curitiba.

O objetivo desta pesquisa foi avaliar a incidência da Síndrome de *Burnout* em participantes voluntários do Projeto Comunidade Escola da Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal de Curitiba no ano de dois mil e dez.

O Programa oferece à população, nos finais de semana e horários noturnos atividades de educação e cidadania, informática, esporte e lazer nos espaços da escola. Conta com 300 estagiários e 400 voluntários. No ano de 2007 ultrapassou 1,5 milhão de participantes.

Esta pesquisa se utilizou do Inventário Maslach *Burnout* Inventory (MBI – tradução e adequação do NEPASB) coletivamente em voluntários do programa Comunidade Escola durante um *workshop* de Habilidades Sociais.

O inventário foi respondido de forma individual e voluntária, e a partir desses resultados foi possível constatar que apenas cinco participantes (10,41%) apresentaram escores para serem diagnosticados como portadores da Síndrome de *Burnout*.

Dos 48 participantes da pesquisa, 33,3% são do sexo masculino e 66,7% são do sexo feminino, a idade variou de 18 a 45 anos, sendo a média de 23,1 anos.

Todos os participantes eram estudantes de diversas áreas, sendo o maior contingente de acadêmicos dos cursos de Educação Física, Música, Informática, Artes Plásticas, Economia e Filosofia.

Analisando separadamente as dimensões apresentadas por Maslach e Jackson (1981), se observa que um número maior de voluntários apresenta ter baixos níveis de Exaustão Emocional e de Despersonalização, já a Baixa Realização Pessoal apresenta níveis médios.

Conforme a tabela apresentada na pesquisa pode-se observar a distribuição em frequências e porcentagens:

		Exaustão Emocional	Baixa Realização Pessoal	Despersonalização
Alto	N	14	9	11
Porcentagem		29,1%	18,7%	22,9%
Médio	N	15	27	15
Porcentagem		31,2%	56,2%	31,2%
Baixo	N	19	12	22
Porcentagem		39,7%	22,1%	45,9%

Tabela 1: Frequências e porcentagens de cada dimensão do MBI encontradas na presente pesquisa.

Por meio dessa pesquisa pode-se entender que os estudantes, assim como os trabalhadores, também possuem propensão a serem afetados pela síndrome de *Burnout*. Os autores afirmam que os estudantes não são considerados formalmente trabalhadores, porém suas atividades o são.

Eles possuem responsabilidades que se assemelham à de um trabalhador, pois necessitam ir às aulas, cumprirem horários, são submetidos a diversos tipos de avaliações, necessitam passar de ano, etc.(ANGST, DIANA, AMORIM, PORTO-MARTINS, LARA, 2010, p. 3369).

O burnout não ocorre de repente; é um processo cumulativo, começando com pequenos sinais de alerta, que, quando não são percebidos, podem levar o professor a uma sensação de quase terror diante da ideia de ter que ir à escola. (REINHOLD, 2007, p. 65)

O voluntário, quando presta ajuda a alguém sente bem estar e também se sente competente, o que faz com que as situações geradoras de estresse sejam vistas e encaradas como desafios a serem vencidos. Assim, a vulnerabilidade do próprio indivíduo à síndrome de *Burnout* se torna menor.

Ao findar a pesquisa os autores afirmam que independente do motivo que leve o sujeito a realizar um trabalho voluntário, essa colaboração que ele dá não se restringe somente aos outros, mas também a si e sua saúde.

2. Professores do Município de Duque de Caxias, Estado do Rio de Janeiro

Esta pesquisa objetivou verificar a presença, ou não, da mencionada Síndrome de *Burnout* nos professores do município de Duque de Caxias utilizando uma amostragem randômica no ano de dois mil e onze.

De acordo com os pesquisadores Ferenhof e Ferenhof (2011, p. 137):

Para o educador, é muito difícil desistir de sua dedicação ao ensino, abandoná-la, pois o trabalho educacional lhe propicia (ou deveria propiciar) outras recompensas, que não as monetárias. Essa dificuldade gera a tendência de uma ‘evolução negativa’ no trabalho, afetando a habilidade profissional e a disposição de atender às necessidades dos estudantes.

Com o apoio do Sindicato Estadual dos Profissionais em Educação do Rio de Janeiro – SEPE – foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa sobre o desenvolvimento da síndrome e suas consequências no comportamento do professor como sujeito.

Para a pesquisa foram utilizados questionários padrão desenvolvidos por Maslach e Leiter (1997). O MBI é universalmente utilizado como o instrumento de acesso ao *Burnout* (SCHAUFELI, 1998, p. 220).

Para diminuir o viés, o número de docentes utilizado foi de 2,9% do número que há no município, o que corresponde a 71 docentes. As escolas foram escolhidas de forma randômica, a pesquisa (anexos 1 e 2), portanto, foi totalmente imparcial.

Após a pesquisa e análise, chegou-se a conclusão de que em relação à Exaustão Emocional (EE) o número de docentes com altos e médios níveis chegou a 98,5%.

Alto – 60 – 84,5%

Médio – 10 – 14,0%

Baixo – 1 – 1,5%

O nível de docentes com altos e médios níveis de Despersonalização (DP) atingiu 100%. Resultando em docentes que “coisificam” totalmente os alunos, colegas, direção e visão de mundo.

A Baixa Realização Profissional (PA) é, nos altos e médios níveis, de 90,2% sendo:

Alto – 48 – 67,6%

Médio – 12 – 12,6%

Baixo – 14 – 19,8%

Vê-se que existem sérios problemas locais. Os autores argumentam a necessidade urgente que a Secretaria Municipal de Educação do Município de Duque de Caxias tem de atuar para prevenir que novos casos aconteçam, e também para fazer o tratamento desses casos já encontrados.

Neste caso em particular, chegou-se a uma perplexa conclusão: os 71 docentes das 8 escolas apresentam transtornos mentais. Todos eles (grifo nosso), devido à percentagem de despersonalização apurada – 100%, coisificam as pessoas, os alunos, os colegas, a direção, o Estado e o mundo; não têm condições mínimas de seguir uma diretriz pedagógica, ou da filosofia da escola. (FERENHOF e FERENHOF, 2011, p.144)

Os autores entendem que na verdade seria demais exigir que o professor, em sua qualidade mental o fizesse. Além de que são tantas situações que geram pressão no professor, como a realidade da política educacional que não contempla a profissão docente e o contexto econômico da sociedade que desestrutura o professor.

A escola encontra-se abalada por vários fatores, alguns deles são, o descaso das autoridades do Estado que não se manifestam quanto a sujeira, grafiteagem, alusão a siglas de grupos marginais, gangs, violência física, psicológica, desrespeito ao docente e à profissão.

Dessa gama de fatos, descasos e descuidos os professores sentem que suas qualidades profissionais vão se definhando, adoecendo e acabam entrando em Síndrome de *Burnout*.

Os autores afirmam que qualquer psiquiatra ou psicólogo recomendaria o afastamento do professor daquele ambiente que causa sua doença mental, mas o número de professores com despersonalização é de 100%. Surge o questionamento: Se houver o afastamento de 100% dos docentes, quem trabalhará na escola?

Dessa forma Ferenhof e Ferenhof buscaram resposta para este problema, encontrando algumas soluções em DEMAILLY (in CAUDAU, 1992), TAVARES (in FERENHOF e FERENHOF, 2001) e também ALEVATO (1999).

DEMAILLY (in CAUDAU 1992, p. 71) traz a forma interativo-reflexiva como “iniciativas de formação ligadas à resolução de problemas reais, com a ajuda mútua entre formadores e uma ligação à situação e trabalho”, o que gera prazer na construção de respostas autônomas aos problemas encontrados sem criar resistências no decorrer do processo (FERENHOF e FERENHOF, 2011, p. 145).

TAVARES (in FERENHOF e FERENHOF, 2011, p. 146) contribui afirmando que o desenvolvimento da capacidade de resiliência nos sujeitos passa-se através das mobilizações emergentes dentro do mesmo, suas capacidades de estar, de ser, que querer e de poder.

Para tornar os sujeitos mais resilientes para enfrentar o cotidiano escolar, a boa medida é ajudar esses sujeitos a descobrir suas capacidades, desenvolver seu autoconhecimento e aumentar sua autoestima.

Já ALEVATO (1999, passim) diz que “deve-se trabalhar imediatamente com o ambiente, (...), através do envolvimento do corpo docente/ discente/ comunidade”.

As possíveis saídas podem ser encontradas, como as citadas acima, o problema é a falta de vontade política para uma ação imediata. Este seria o primeiro passo a ser tomado frente a um resultado tão impactante como o encontrado nesta pesquisa.

Apoio médico – psicológico imediato, educação continuada voltada à prevenção, uma melhoria na ecologia interna das escolas, e no seu “entorno”, seria bastante significativa e compatível com projetos já em discussão e estudos na Sociedade Brasileira. (FERENHOF e FERENHOF, 2011, p. 147).

3. Professores da rede pública de Canoas – Rio Grande do Sul.

O objetivo desta pesquisa foi analisar se o gênero estabelece diferenças significativas nos níveis e no processo da Síndrome de *Burnout* em professores de escolas da rede pública.

A referente pesquisa também procurou identificar associações das dimensões de burnout e suas variáveis. Para isso foi utilizado como instrumento de pesquisa o MBI-*Maslach Burnout Inventory* e um questionário elaborado especificamente para este estudo para as demais variáveis.

Burnout na educação é um fenômeno complexo e multidimensional resultante da interação entre aspectos individuais e o ambiente de trabalho. Este ambiente não diz respeito somente à sala de aula ou ao contexto institucional, mas sim a todos os fatores envolvidos nesta relação, incluindo os fatores macrossociais como políticas educacionais e fatores sócio-históricos (in CARLOTTO e SILVA, CARLOTTO, 2002 a, p. 146).

Sua ocorrência em professores tem sido considerada um fenômeno psicossocial relevante, pois afeta não somente o professor, mas também o ambiente educacional, o que interfere na obtenção dos objetivos pedagógicos, uma vez que os profissionais acometidos pela síndrome desenvolvem um processo de alienação, desumanização e apatia (GUGLIELMI e TATROW, 1998).

A docência é uma profissão com um número bastante elevado de mulheres que aos poucos vem se abrindo para a entrada dos homens, principalmente nos níveis de ensino médio. Investigação realizada por Moura (1997) com professores revela, no entanto, que as mulheres são grupo majoritário e possuem pior situação quanto à remuneração, titulação e localização hierárquica no sistema escolar, quando comparadas aos seus colegas do sexo masculino.

O presente estudo buscou verificar se a variável gênero estabelece diferenças significativas nos níveis e no processo da Síndrome de *Burnout* em professores de escolas da rede pública. Também verificou se variáveis demográficas, profissionais e comportamentais se associavam ao *Burnout* de forma diferenciada em professores do gênero masculino e feminino. Assim, o referencial teórico orientou o trabalho para as seguintes hipóteses: H1 professores do gênero feminino apresentam maior índice de Exaustão Emocional e menor de Despersonalização e Realização Profissional que professores do gênero masculino; H2 Variáveis demográficas, profissionais e comportamentais se associam às dimensões de *Burnout* de forma diferenciada em professores do gênero masculino e feminino. Para tanto, buscou-se desenvolver um estudo epidemiológico observacional analítico de corte transversal. (CARLOTTO e SILVA, 2003, p. 147)

A amostra se constituiu de 61 sujeitos, sendo 31 homens e 30 mulheres que exercem atividade docente em escolas públicas da cidade de Canoas, independente de estado civil e nível de ensino.

Todos os participantes exerciam a atividade docente há mais de seis meses e não haviam estado em licença ou afastados do trabalho há menos de dois meses da coleta de dados.

Antes da aplicação do questionário sobre as variáveis, foi feito um estudo piloto com dez professores para verificar se os instrumentos da pesquisa estavam adequados e possíveis de se compreender.

Para avaliar a Síndrome de *Burnout* foi utilizado o MBI – Maslach Burnout Inventory – forma ED - professores, que apresenta tradução para a língua portuguesa validada por Benevides-Pereira (2001).

Conforme as autoras, o Banco de Dados foi digitado em *EXCEL* e posteriormente analisado no pacote estatístico *SPSS* versão 10.0. Foram calculadas medidas descritivas, médias e desvio-padrão, e utilizado o teste *t de Student* e de correlação de *Pearson*.

Dimensões	Sexo	N	Média	Desvio-padrão	<i>t</i>	<i>p</i>
Exaustão Emocional	Feminino	30	3,01	1,24	1,77	0,081
	Masculino	31	2,46	1,17		
Despersonalização	Feminino	30	0,84	0,82	-1,89	0,063
	Masculino	31	1,25	0,85		
Baixa Realização Profissional	Feminino	30	4,46	0,94	-0,49	0,626
	Masculino	31	4,58	0,95		

Tabela 1: Teste *t* de Student para comparação das médias das dimensões de Burnout por gênero.

No que diz respeito aos resultados de *Burnout*, as autoras verificaram que as mulheres apresentam índices médios maiores que os homens em Exaustão Emocional e menores em Despersonalização, bem como em Realização Pessoal.

Por meio da análise de correlação de *Pearson* realizada no grupo feminino, foi identificada associação positiva significativa entre as variáveis idade e tempo de ensino com a dimensão de Exaustão Emocional, o que indicou que quanto mais elevada a idade

e o tempo de profissão docente, maior a tendência de elevação do nível de desgaste emocional no trabalho (CARLOTTO e SILVA, 2003, p. 149).

Também foi identificada neste grupo uma associação mostrando que quanto maior o exercício profissional, menor é o sentimento de realização no trabalho. Já no grupo masculino, nenhuma das variáveis apresentou associação com as dimensões da síndrome (Tabela 2).

	1	2	3	4	5	6	7	8	9
EE	1,000	,351	-,596**	404*	-,004	,001'	-,157	,208	,400*
DE	,447*	1,000	-,388*	-,021	-,056	-,044	,121	,102	-,277
BRP	-,233	-,288*	1,000	-,160	,094	,219	,064	,099	-,382*
Idade	-,314	,001	-,163	1,000	,443*	,134	-,219	,109	,702
Nº de filhos	-,245	,166	-,001	,610**	1,000	-,162	-,021	-,090	,261
Carga Horária	-,122	-,057	-,080	,055	,004	1,000	,318	,328	-,136
Alunos / dia	,099	-,133	-,131	,068	-,079	,596**	1,000	,113	-,304
Horas trabalho casa	-,166	-,134	,130	-,159	,098	-,085	-,182	1,000	,010
Tempo / ensino	-,127	,090	-,140	,743**	,190	,190	,155	-,186	1,000

Tabela 2: Matriz de correlação entre variáveis quantitativas e as três dimensões de *Burnout* de acordo com o sexo (EE: Exaustão Emocional, DE: Despersonalização, BRP: Baixa Realização Profissional).

Análise realizada através do teste *t de Student* identificou, no grupo feminino, associação entre a variáveis comportamentais *mudar de profissão* e a variável *perceber a profissão como estressante* e a dimensão de Exaustão Emocional.

Professoras que pensavam em mudar de profissão e tinham a percepção de que sua profissão era estressante possuíam maiores índices de desgaste emocional no trabalho. Já possuir uma atividade específica de lazer e perceber que a atividade profissional interfere na vida pessoal não apresentou associação com nenhuma dimensão de *Burnout*.

No grupo masculino, *percepção de que a profissão é estressante* foi a única que evidenciou associação com a dimensão de exaustão emocional. Homens que não possuíam esta percepção apresentavam maiores índices de desgaste emocional quando comparados aos seus colegas que acreditavam ser a profissão fonte de estresse (CARLOTTO e SILVA, 2003, p. 150)

O objetivo inicial desta pesquisa foi o de verificar se a variável gênero era estabelecia diferenças significativas nos níveis e no processo da Síndrome de *Burnout* em um grupo de professores de escolas da rede pública.

As autoras afirmam que resultados obtidos não confirmam a primeira hipótese do estudo, uma vez que não foi encontrada diferença estatisticamente significativa no que diz respeito ao gênero e as dimensões de *Burnout*.

O estudo aponta para a necessidade de aprofundamento dos resultados obtidos, uma vez que a literatura não tem sido conclusiva sobre a influência do gênero no surgimento de *Burnout*. Assim, sugere-se a realização de novos estudos, com outros delineamentos em contextos diferenciados. O entendimento desta questão mostra-se relevante, na medida em que políticas de promoção e prevenção em saúde ocupacional possam ser planejadas de acordo com as especificidades dos grupos populacionais, neste caso, professores e professoras. Segundo Rohlfs (1999), os papéis atribuídos e assumidos por homens e mulheres são importantes na explicação de seu estado de saúde. Por esta razão, é importante não só estudar o impacto que o estilo de vida, o uso do tempo e as condições de trabalho tem na saúde das pessoas, mas também deve-se tentar evidenciar quais os pontos em que estes impactos são desiguais segundo o gênero. (CARLOTTO e SILVA, 2003, p. 152)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conhecimento científico da síndrome de *Burnout* é recente entre nós (1969) e foi detectado inicialmente nos trabalhadores assistenciais.

Trata-se de uma resposta do indivíduo ao estresse ocupacional crônico que se caracteriza pela “síndrome da desistência”, fazendo com que ele se sinta incapaz de investir afetivamente em seu trabalho.

No caso do magistério ela gera uma sensação de esgotamento profissional, fato que conforme se demonstrou se deve a um conjunto de fatores: ambiente de trabalho hostil, falta de apoio da instituição, rigidez institucional, não participação do professor na tomada de decisões, despreparo para lidar com situações sociais complexas – violência, drogas, rejeição, gravidez precoce, abuso sexual de menores, *bullying*, etc.

A Previdência Social Brasileira reconheceu a Síndrome de *Burnout* apenas em 1991, mas os especialistas analisados não a consideraram doença mas síndrome, isto é, conjunto de sintomas.

Este trabalho, por meio dos dados encontrados em outras pesquisas, indica que o professor é vulnerável à Síndrome de *Burnout*, uma vez que o imaginário da sociedade vê o professor como modelo dentro e fora da escola, sendo um sujeito que mantém perfeito equilíbrio sobre seus problemas existenciais mesmo sobrecarregado de tarefas e pressões.

Neste sentido pode-se falar num “mal-estar docente”, e o Brasil tem coletado dados em alguns estados sobre a síndrome de *Burnout* no magistério. A partir delas podem-se levantar novos objetos de estudo tais como considerar que o estudante trabalha e está tão sujeito ao estresse tanto quanto um professor; compreender a complexidade do trabalho docente e a necessidade do olhar atento das Secretarias de Educação para esses professores; buscar mais conhecimento para entender os grupos que são atingidos por essa síndrome, para que políticas de prevenção sejam feitas e novos rumos sejam tomados.

ANEXOS

Anexo 1 - Pesquisa panorâmica do educador (MBI).

O propósito deste questionário é desvendar como professores veem seus trabalhos e as pessoas com as quais se relacionam durante as atividades profissionais.

A seguir, há 22 afirmativas relacionadas com o sentimento em relação ao trabalho. Por favor, leia com atenção cada uma das afirmativas e decida se você já sentiu deste modo em seu trabalho.

Se você nunca teve estes sentimentos, escreva um “0” (zero) no espaço antes da afirmativa.

Se você já teve este sentimento, indique com que frequência você o sente, escrevendo o número (de 1 a 6) que melhor descreve com que frequência você se sente dessa maneira.

Exemplo:

Frequência Declaração:

(0 - 6)

_____ Eu me sinto frustrado / deprimido no trabalho.

Se você nunca sentiu frustração / depressão no trabalho, escreva o número “0” (zero) sob a coluna “frequência”.

Se você, raramente, sente-se frustrado / deprimido no trabalho (poucas vezes por ano, ou menos), escreva o número “1”.

Se seus sentimentos de frustração / depressão são razoavelmente frequentes (poucas vezes por semana, porém não diariamente), escreva “5”.

Frequência	0	1	2	3	4	5	6
	Nunca	Algumas vezes ao ano ou menos	Uma vez ao mês ou menos	Algumas vezes durante o mês	Uma vez por semana	Algumas vezes durante a semana	Todo dia

Anexo 2 - Pesquisa panorâmica do educador (MBI).

Frequência Declarações

(0 – 6)

- 1 - Sinto-me emocionalmente drenado pelo meu trabalho.
- 2 - Sinto- me usado no final de um dia de trabalho.
- 3 - Sinto-me fatigado quando acordo de manhã e tenho que encarar outro dia de trabalho.
- 4 - Consigo facilmente entender como meus alunos se sentem sobre as coisas.
- 5 - Sinto que trato alguns alunos como se eles fossem objetos impessoais.
- 6 - Trabalhar com pessoas, todos os dias, é realmente uma tensão para mim.
- 7 - Lido efetivamente com os problemas dos meus alunos.
- 8 - Sinto-me exaurido pelo meu trabalho.
- 9 - Sinto que estou influenciando positivamente a vida de outras pessoas através do meu trabalho.
- 10 - Tenho- me tornado mais insensível com as pessoas, desde que peguei este trabalho.
- 11 - Estou preocupado que este trabalho esteja me endurecendo emocionalmente.
- 12 - Sinto-me muito energizado.
- 13 - Sinto- me frustrado pelo meu trabalho.
- 14 - Sinto que estou trabalhando muito duro.
- 15 - Realmente não me importo com o que acontece com algum aluno.
- 16 - Trabalhar diretamente com pessoas leva- me a ficar muito estressado.
- 17 - Consigo facilmente criar uma atmosfera com os meus alunos.
- 18 - Sinto-me exaurido depois de trabalhar bem de perto com meus alunos.
- 19 - Tenho atingido muitos objetivos que valeram a pena no meu trabalho.
- 20 - Sinto- me como se estivesse com a “corda para arrebentar”.
- 21 - No meu trabalho, lido com problemas emocionais muito claramente.
- 22 - Sinto que alguns alunos me culpam por alguns de seus problemas.

BIBLIOGRAFIA

ABRIC, Jean Claude. (1994). “**A organização das representações sociais: sistema central e sistema periférico**”. Trad. Angela M. O de Almeida, com a colaboração de Adriana Gionani e Diana Lúcia Moura Pinho. Trabalho fotocopia não publicado. Traduzido de: J. C. Abric. “*L’organisation interne des représentations sociales: système central et système périphérique*”. In: C. H. Guimelli. *Structures et transformations des représentations sociales*. Lausanne: Delachaux et Niestlé. p. 73-84.

ALEVATO, Hilda Maria Rodrigues. **Humanos, ainda que professores**. 1999. 289 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Centro de Estudos Sociais Aplicados, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1999.

ANGST, R., DIANA, M. C., AMORIM, C., LARA, S. **Estudantes voluntários e a Síndrome de Burnout**. 12, 3362-3373, 2010.

BENEVIDES-PEREIRA, A. M. T. (2001). **MBI - Maslach Burnout Inventory e suas adaptações para o Brasil. [Resumo]**. Em Sociedade Brasileira de Psicologia (Org.), Resumos de comunicações científicas. XXXII Reunião Anual de Psicologia (p. 84-85). Rio de Janeiro.

BENEVIDES-PEREIRA, Ana Maria T. **Burnout : Quando o trabalho ameaça o bem-estar do trabalhador**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

BRADLEY, H.B. **Community-based treatment for young adult offenders**. *Crime and Delinquency*, 15, 359-370, 1969.

BRASIL (1991). **Artigo 20 da Lei nº 8.213 de 24 de Julho**. Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/busca?q=Art.+20+da+Lei+8213%2F91>. Acesso em: 08/11/2013.

CARLOTTO, M. S. **A síndrome de Burnout e o trabalho docente**. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v.7, n. 1, p. 21-29 jan/jun, 2002.

CARLOTTO, M.S. & SILVA, G.N. **Síndrome de *Burnout*: um estudo com professores da rede pública.** Psicologia Escolar e Educacional, 2003 Volume 7 Número 2 145-153.

CARLOTTO, M.S. & PALAZZO, L.S. **Síndrome de *burnout* e fatores associados: um estudo epidemiológico com professores.** Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 2006 22(5):1017-1026, mai, 2006

CHANG, Mei-Lin. ***An appraisal perspective of teacher burnout: Examining the emotional work of teachers.*** Educational Psychology Review, v. 21, p. 193-218, 2009. Disponível em: <http://www.springerlink.com/content/p5320216743m2356/>. Acesso em: 14/10/2-013.

CODO, Wanderley. (coordenador), ***Educação: carinho e trabalho: Burnout, a síndrome da desistência do educador, que pode levar à falência da educação.*** Petrópolis, RJ: Vozes / Brasília: Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação: Universidade de Brasília. Laboratório de Psicologia do Trabalho, 1999. p. 432 .

CODO, Wanderley. **Por uma Psicologia do Trabalho – ensaios recolhidos.** São Paulo: Casa do Psicólogo. 2006.

DELBROUCK, Michel. **Síndrome de exaustão (*burnout*).** Lisboa: Climepsi, 2006.

DOISE, Willem; MOSCOVICI, Serge. ***Les decisions de groupe.*** In: MOSCOVICI, S. (Ed.). *Psychologie Sociale.* Paris: PUF, 1984.

DUBAR, Claude. **Para uma teoria sociológica da identidade.** In: A socialização. Construção das identidades sociais e profissionais. Porto Editora. 1997.

DUBAR, Claude. **A socialização: A construção das identidades sociais e profissionais.** São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos.** Organizado por Michael Schröter, tradução, Vera Ribeiro; revisão técnica e notas, Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

ESTEVE, José M. **O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores.** Tradução Durley de Carvalho Cavicchia. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

FERENHOF, A. Isaac e FERENHOF, A. Ester. **Sobre a Síndrome de Burnout em professores.** Eccos Revista Científica, vol. 4, núm. 1, junho, 2002, pp. 131-151.

FREUDENBERG, H.J. **Staff burn-out.** *Journal of Social Issues*, 1974, vol. 30 (1), 159 - 165.

GIL-MONTE, Pedro R. **Influencia del género sobre el proceso de desarrollo del síndrome de quemarse por el trabajo (burnout) em profesionales de enfermería.** *Psicologia em Estudo*, v. 7, n. 1, p. 3-10, 2002.

GIL-MONTE, Pedro R. **El síndrome de quemarse por el trabajo (burnout): Una enfermedad laboral en la sociedad Del bienestar.** Madrid: Ediciones Pirâmide. 2005

GUIMARÃES, L. A. M; CARDOSO, W. L. C. D. **Atualizações sobre a Síndrome de Burnout.** In: GUIMARÃES, L. A. M.; GRUBITS, S. (Orgs.). *Série saúde mental e trabalho.* São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

GUGLIELMI, R. S., & TATROW, K. (1998). **Occupational stress, burnout, and health in teachers: a methodological and theoretical analysis.** *Review of educational research*, 68 (1), 68-69.

HARRISON, BJ. **Are you to burn out?** *Fund Raising Manage* 1999; 30:25-8.

INOCENTE,N.J. **Síndrome de Burnout em professores universitarios do vale do Paraíba SP,** Campinas São Paulo, s.n, 2005.

JESUS, Saul Neves. **Perspectivas para o bem-estar docente: uma lição de síntese.** Porto: ASA, 2002.

JODELET, Denise. **Representações sociais: um domínio em expansão.** In: JODELET, Denise. (org.). *As Representações sociais.* Rio de Janeiro: Eduerj, p.17-44, 2002.

LEITE, Nádia M. B. **Síndrome de Burnout e relações sociais no trabalho: um estudo com professores da educação básica.** UNB, Instituto de Psicologia, Brasília, DF, 2007.

MASLACH, Christina; JACKSON, Susan E. ***The measurement of experienced burnout***. Journal of Occupational Behavior, 2, 99-113, 1981.

MASLACH, Christina, & Leiter, M.P. ***The truth about burnout***. San Francisco: Jossey Bass. 1997.

MASLACH, Christina; SCHAUFELI, Wilmar B.; LEITER, Michael P. ***Job burnout***. Annual Review Psychology, v. 52, p. 397-422, 2001.

Moura, E. P. G. (1997). **Saúde mental e trabalho. Esgotamento profissional em professores da rede de ensino particular de Pelotas-RS**. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT). ***El trabajo en el mundo. Trabajadores de la enseñanza***, n. 157, 1993.

PICADO, Luís. **Ansiedade, burnout e engagement nos professores do 1º ciclo do ensino básico: o papel dos esquemas precoces mal adaptativos no mal-estar e no bem-estar dos professores**. Lisboa, 2007. Tese de doutoramento em Psicologia. Universidade de Lisboa Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.

PLACCO, V. M. N. de S. e SOUZA, V. L. T. de. ***El concepto de identidad como aporte a la comprensión de la constitución de la docência***. In: SEIDMANN S. , SOUSA C. P. de. *Hacia una psicología social de la educación*. Buenos Aires: Teseo, 2011.

POCINHO, Margarida e PERESTRELO, X. Célia. **Um ensaio sobre burnout, engagement e estratégias de coping na profissão docente**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.37,n.3, p. 513 - 528, set./dez. 2011.

REINHOLD, H. H. O Burnout. In: LIPP, M. (Org.). **O stress do professor**. 5. ed. Campinas: Papirus, 2007. Cap. 5, p.63-80.

SCHAUFELI, W. B., ENZMANN, D. ***The Burnout Companion to Study & Practice A critical analysis***. Philadelphia: Taylor & Francis, 1998.

SELYE, H. (1979). ***The stress of my life: A scientist's memories***. New York, NY: Van Nostrand

TAVARES, José (Org.) **Resiliência e Educação**. São Paulo: Cortez Editora, 2001. p. 142.

TRIGO, T.R. *et al.* **Síndrome de burnout ou estafa profissional e os transtornos psiquiátricos**. Órgão Oficial do Departamento e Instituto de Psiquiatria. Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo - <http://www.hcnet.usp.br/ipq/revista/vol34/n5/223.html>. Acesso em: 09/11/2013. *Rev. Psiq. Clín.* 34 (5), p. 223-233, 2007.

VASQUES_MENEZES, I., & GAZZOTI, A. **A si mesmo como trabalho**. In: CODO, W. (coord.) *Educação: Carinho e Trabalho*. Petrópolis: Vozes. 1999

VASQUES-MENEZES, I. & SORATTO, L. **Burnout e suporte social**. In: CODO, W. (coord.) *Educação: Carinho e Trabalho*. Petrópolis: Vozes.